



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM ASSOCIADO À ANSIEDADE COM HABILIDADES NÃO DESENVOLVIDAS

CLECIA CRISTINA DA SILVA SOUZA

CILA VS. BORGES

ALICE ALT BITTENCOURT NASCIF MENDES

EIXO: 12. PSICOLOGIA, APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO: ASPECTOS PSICOPEDAGÓGICOS E PSICOSSOCIAIS

RESUMO O objetivo do trabalho foi às dificuldades de aprendizagem e ansiedades adquiridas por habilidades não desenvolvidas na EJA. Para tanto foi realizado o estudo de caso da aluna, L.R., 69 anos de idade, que estuda em uma escola da rede pública do município de Itaperuna, Estado do Rio de Janeiro. O tratamento dado à aluna foi "não clínica". A escala de ansiedade, excluindo-se a análise que envolve a depressão, foi analisada por uma profissional independente. O resultado sinalizou que a aluna, apresenta nível moderado de ansiedade. A dificuldade de aprendizagem já existente, associado a fatores socioemocionais, acrescidos da ansiedade reforçaram as dificuldades de assimilação dos conteúdos apresentados relacionados à leitura, escrita e operações matemáticas. **Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos. Aprendizagem. Ansiedade -Habilidades. **RESUMEN** El objetivo de este estudio fue comprender lo que las dificultades de aprendizaje y ansiedades adquiridos por habilidades no desarrolladas en la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA). Por lo tanto, el estudio se llevó a cabo en el caso de que el estudiante, L. R., de 69 años, que estudia en una escuela pública en la ciudad de Itaperuna, Estado de Río de Janeiro. Para analizar se utilizó el nivel de ansiedad HAD Escala Zigmond y Snaith, 1983. El tratamiento del estudiante era "no clínica". Se observó que la ansiedad mostrada por el estudiante puede estar asociado con sentimientos de ansiedad, el miedo, la inferioridad y baja autoestima. La dificultad de aprendizaje existente asociado a factores socio-emocional y contenido que se presenta

relacionadas con la lectura, escritura y operaciones matemáticas. **Palavras-clave:** Educación de Jóvenes y Adultos. Ansiedad. Aprendizaje. Habilidades - Ansiedad.

Introdução

Já alguns anos no Brasil movimentos educacionais discutem o analfabetismo funcional e alfabetização de jovens e adultos. Diferentes programas foram implantados pelo “Ministério da Educação (MEC)” ao longo de décadas, pontuando sempre as mesmas questões, mas principalmente a erradicação do analfabetismo. Esses programas, embora sempre com o mesmo intuito, sugerem novas metodologias pedagógicas, novas propostas de ensino. Pelo número de analfabetos e alfabetos funcionais, ao que parece, todas essas campanhas (ou programas), como são denominados, nada mais é do que programas assistencialistas e ineficientes, para de alguma maneira compensar os analfabetos, através de ações e políticas públicas, principalmente os excluídos que viviam (e ainda vivem) em áreas rurais e bairros periféricos das grandes cidades. Geralmente, os cursos são ministrados em horários noturnos ou em horários disponibilizados por escolas públicas de ensino fundamental, quase sempre, incompatíveis com a disponibilidade de trabalhadores, que é o maior público desses programas ou campanhas. Sabemos que a EJA, como modalidade de ensino, apesar das precariedades ou deficiências que geralmente se apresentam, ressalvadas as exceções têm propiciado ao seu público, em grande parte pessoas já com idade mais avançada, trabalhadores, jovens e adultos que almejam aprender um pouco mais do que supostamente já sabem, ou ainda iniciar seu aprendizado. Estamos nos referindo àqueles sujeitos que não tem a leitura e a escrita, assim como os conceitos básicos matemáticos. É um público com grande diversidade econômica, sociocultural, religiosa e de gênero. São pessoas que, mesmo com baixo nível de escolaridade, alegam terem grande conhecimentos e experiências adquiridas como experiência de vida, múltiplos saberes. A maioria traz consigo sentimentos como o medo, ansiedade, baixa autoestima, desconfiança e sobretudo, inferioridade, que de certa forma dificultam o aprendizado. No entanto, podemos afirmar que, com eles, também aprendemos.

Antecedentes e formulação do problema Abordamos os antecedentes e a formulação do problema da pesquisa, pois a aprendizagem do ser humano corrobora como um vasto campo de estudo em seus diferentes aspectos. Sua ocorrência se dá num processo interativo entre docente, aprendente e seu entorno, respeitando-se a individualidade do mesmo e suas experiências, assim como, as necessidades adaptativas para que se desenvolva o processo de aprendizagem. Atualmente, o fracasso escolar faz uma significativa representação do cenário de escolarização brasileira, mormente quando se menciona às séries iniciais, visto como período de grande evasão escolar. A promoção automática surgiu como agravante desse problema. Com base no exposto,

foram propostas as seguintes questões de investigações. Até que ponto as dificuldades encontradas pelos adultos na aprendizagem de leitura e escrita que surgem principalmente nas primeiras séries escolares, relacionam-se às habilidades não desenvolvidas no processo ensino-aprendizagem e com a ansiedade?

A ansiedade é um fator dificultador do processo ensino-aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos?

Em que medida?

Objetivos Analisar se as dificuldades encontradas pelos adultos na aprendizagem de leitura e escrita, que surgem principalmente nas primeiras séries escolares, relacionam-se às habilidades não desenvolvidas no processo ensino-aprendizagem, e com a ansiedade. **Justificativa** O fracasso escolar por consequência de dificuldades de aprendizagem permeia a realidade das salas de aula, e nesse ambiente educacional, encontramos professores ansiosos e alunos a mercê de oportunidades, que amenizem o agravamento sistemático vivenciados na escolarização. Durante o processo de aprendizagem necessita-se, compreender as inabilidades específicas como a de leitura e escrita, em adultos “que apresentam resultados significativamente abaixo do esperado para seu nível de desenvolvimento, escolaridade e capacidade intelectual” (ROSA et al., 2012, s. p.) Nesses casos, muitos profissionais da educação somente identificam que a dificuldade da aprendizagem existe, mas não sabem como agir. Há casos que exige a avaliação de outros profissionais, que poderão identificar se existe alguma outra alteração associada a essa dificuldade. **Educação de jovens e adultos (EJA)** A Educação de maiores de 18 anos (EJA); Jovens e adultos foi marcada por tentativas dos movimentos individuais e grupos, instituições e privados a procurar maneiras de corrigir o tempo regular da escola de quem não foram esforçados ou por falta de oportunidade de ter estudado na idade certa, questão tinha trazido sobre a existência de uma grande população que ficou fora da escola. Chamada como modalidade, a EJA, tem como objetivo básico atender a uma classe social definida. Surgiu para atender a um número significativo de pessoas que não conseguiam (e ainda não estão conseguindo) como cita Soares (2007, p. 1) “concluir o ensino fundamental na idade escolar apropriada nos cursos diurnos”. No Brasil, a Educação de maiores de 18 anos (EJA), como variante, do “Programa Nacional da Integração da Educação Profissional com a Educação Básica” (PROEJA) é uma maneira de levar a educação, aos sujeitos maiores de 18 anos, compreender seus saberes e experiências, que de alguma forma, são caminhos para a formulação de propostas curriculares político-pedagógicas de atendimento a esse público em especial. Nos níveis fundamental e médio, concordando com Martha de Cassia Nascimento (2009, p. 3) percebemos a “descontinuidade, e por políticas públicas insuficientes para dar conta da demanda potencial e do cumprimento do direito à educação, tal como foi estabelecido pela Constituição Federal de 1988 (art. 6º)”, que, aliás, é denominada de “Constituição Cidadã”. Vale lembrar que o governo brasileiro é signatário e participou de acordos e convenções Internacionais,

inclusive às que envolve a educação. A finalidade principal deste programa é o desenvolvimento de saberes para à inclusão do aprendiz no mercado de trabalho que se dará, principalmente, a partir da “formação em cidadania e direitos humanos, prestação de serviços voluntários à comunidade, qualificação social e profissional, estímulo e apoio efetivo à elevação da escolaridade e inserção no mercado de trabalho” (BAYÃO JR, 2011, p. 72). Seria ótimo se funcionassem esses programas. É sem dúvida um grande desafio para as instâncias governamentais. Contudo, todo desafio pode ser vencido se for bem planejado, articulado, implantado e desenvolvidas suas ações propostas. E, ao que parece não é isso que acontece. Reiteradas vezes o legislador constituinte fez questão de dizer que a “educação é direito de todos”, incluindo essencialmente a responsabilidade do Estado como gestor deste direito social num Estado de Direito democrático, inclusive. Entretanto, o acesso à educação, implica em vários fatores como, por exemplo, o aluno (jovem ou adulto) ter condições de frequentar uma escola. Tais questões não são esporádicas ou isoladas. São questões que afligem milhares de brasileiros em idade adulta e que são vividas no âmbito familiar, quanto em sua convivência em sociedade. Na verdade, é preciso que a sociedade entenda a importância da EJA; entenda que é favorável e significativamente a alteração na vida do indivíduo (ou de várias pessoas) através do ensino-aprendizagem. Não basta, no entanto que salas de aulas noturnas fiquem abarrotadas de pessoas que ali estão em busca de uma oportunidade de vida através daquilo que irá aprender. Que no caso do EJA, é de extrema importância diria até essencial, uma vez que o público desses programas já está em idade avançada, não frequentou a escola em idade adequada e, até mesmo nunca entraram numa escola, entre outros aspectos. **Conceitos e definições: Jovens e adultos** Quando Ana Paula Corti e Raquel Souza (2004, p. 14) citam que “Embora muitas vezes tidas como sinônimos, juventude e adolescência têm significados distintos, ainda que superpostos”. No entanto, é muito comum ou usual “falar da adolescência e da juventude como a mesma coisa é se referir indistintamente aos que vivem esses períodos como adolescentes ou jovens” (CORTI; SOUZA, 2004, p. 15). Alguns fatores “vão diferenciando internamente esse grupo que chamamos de juventude(s)” e, os mais prevalentes são a “classe social, a condição étnica e de gênero, a presença ou não no mercado de trabalho e na escola, a moradia -urbano ou rural” (CORTI; SOUZA, 2004, p. 16). O marco etário para definir ou delimitar criança, adolescente e jovem, geralmente é usados para análise demográfica e para definição de políticas públicas. Desses debates surge o “Estatuto da Criança e do Adolescente” (ECA), legislação esta resultante de muita discussão, tanto na esfera pública quanto na civil com a “compreensão sobre as crianças e adolescentes como sujeitos de direitos, os direitos singulares da adolescência, a faixa etária 12 aos 18 anos de idade, quando se atinge a maioridade legal, entendidos como adultos” (FREITAS, 2008, p. 27). **Analfabetismo e alfabetismo funcional** Analfabetismo é definido por Ferreira (2004, p. 128) como “a falta absoluta de instrução”. Nesta definição não há dúvida, pois o analfabeto por si só já fica excluído de todo um contexto social, uma vez que a

pessoa não sabe escrever, muitas vezes seu próprio nome, e não lendo, não exerce seus direitos de cidadão. Quanto à definição de alfabetismo funcional para Soares (1998) que define fazendo alusão à pessoa “é considerada alfabetizada funcional a pessoa capaz de utilizar a leitura e a escrita para fazer frente às demandas de seu contexto social e usá-las para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida” (SOARES, 1998, p. 61). Em outras palavras, “analfabeto funcional” é aquele que não tem “habilidades necessárias para satisfazer as demandas do seu dia a dia” (Di PIERRO et al., 2008), mesmo sabendo ler e escrever o trivial, coisas simples. Essas pessoas, portanto, com limitações de escrita e leitura, ficam impossibilitadas de se estabelecer no mercado de trabalho, sujeitando-se a subempregos, por falta de uma mínima qualificação. Os alunos da EJA procuram esses programas oferecidos pela educação nacional para que possam elevar seu nível de escolaridade na busca de melhor chance no mercado de trabalho, pois, o nível de escolaridade é um pré-requisito para uma possível seleção em uma empresa, antes de qualquer outra exigência, como por exemplo, de uma entrevista. Dentre outros pretextos que aproximam jovens e adultos a buscarem a EJA é o reconhecimento na sociedade, como cidadãos de direito, além da autoestima, que geralmente está em baixa. **Multiplicidade de “saberes”** Os alunos da EJA apresentam consigo uma visão de mundo entusiasmada pela sua origem cultural e por suas vivências sociais, ou seja, “familiar e profissional. Podemos dizer que eles trazem uma noção de mundo mais relacionada ao ver e ao fazer, uma visão apoiada numa espontânea e imediata às coisas que” veem e observam (TOLEDO, 2013, s. p.). Percebemos que uma das formas de atrair os alunos jovens e adultos e mantê-los na escola é de fato compreender suas diversidades, seus hábitos, seus costumes, procurar entender suas histórias de vida. Aliás, é sempre oportuno aprender com as diferenças e diria até mesmo necessário, já que cada escola tem uma realidade diferente. As experiências mostram que é possível, mesmo existindo as diferenças, as diversas formas de vida, culturas, costumes e hábitos tão distintos, ainda assim é possível estabelecer uma técnica de ensino para melhoria da aprendizagem que atenda esses sujeitos que buscam na EJA uma oportunidade de vida, que eles tanto almejam. **Processo de aprendizado dos alunos da EJA** Olhando pela concepção da educação tradicional, não se pode imaginar o quão diferente é lidar com esses educandos. Para eles os discursos devem ser direcionados para que se possam atingir suas expectativas sejam de forma escrita ou verbal. Tal afirmativa nos remete a Paulo Freire (1996, p. 68), educador que sempre entendeu que “ensinar exige apreensão da realidade”; é preciso contextualizar, problematizar e compreender o mundo em que vivemos. Só assim será possível superar as diversidades, as contradições, para que possamos reinventá-lo, torná-lo mais justo. Essa reinvenção pressupõe mudanças constantes. Assim entendemos ser – o ensinar – na EJA, partindo da premissa que aqueles que frequentam essa modalidade de ensino, buscam exatamente isso – mudança, transformação, melhoria da qualidade de vida, entre outras coisas. A educação para os adultos faz-se necessária para a sociedade e no desenvolvimento para o trabalho

do profissional, pois novas possibilidades de crescimento profissional surgem, apesar da crise sem precedentes que o país vivencia atualmente. Por outro lado, a competitividade no mercado de trabalho está cada vez mais acirrada e a qualificação profissional tem sido exigida em todos os setores da economia nacional, mesmo considerando esse cenário caótico político-econômico nacional. Por isso é preciso repensar 'o ensinar', pois não é apenas "transmitir conhecimento e, sim, emitir novos signos, propiciando ao outro sujeito condições para que desenvolva as condições básicas de domínio das diversas linguagens, sobretudo a materna, sistematizando o conhecimento e se apropriando dele para a vida" (SILVA et al., 2009, p. 60). Retomando a ideia de Freire (1996, p. 2-27) sobre educação, "não há educação fora das sociedades humanas [...], a educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado." Ainda segundo ele, a prática política deve superar a compreensão mecanicista da história, permitindo a construção de possibilidades para o futuro através da ampliação da capacidade do ser humano de refletir e decidir. Aprender o ato da leitura e o de escrever para os educandos da EJA é sem dúvida um grande desafio, pois, parece tarefa muito difícil. Nesse sentido César e Santos (2013, p. 2) explicam que, as dificuldades do processo de aprendizagem da escrita podem ser grandes, mesmo para aqueles que apresentam um perfil normal de desenvolvimento cognitivo. Muitos deles saíram da escola, em idade adequada, porque não conseguiam aprender. Sintetizando todo o exposto, até o momento, a EJA, apesar de falhas e deficiências no processo de aprendizagem, a carência de recursos apresentada, constantemente, pelo Estado em relação à educação nacional como um todo, ainda assim, muitos conseguem atingir as metas exigidas e, conseqüentemente, seus objetivos. **Dificuldade de aprendizagem** Todo ser humano, durante toda a sua vida, passa por um processo de aprendizagem constantemente. No entanto, as dificuldades que surgem ao longo desse processo, referem-se, então, a alterações no percurso deste, as quais podem, em algum momento, e por múltiplos fatores comprometer o ato de leitura, da escrita, da linguagem e o refletir com raciocínio lógico, como na matemática, entre outros. Nesse sentido, Garcia (1998) entende que as dificuldades de aprendizagem incidem em problemas dos procedimentos que abarcam o ato da linguagem e o comportamento escolar. São fatores que podemos apontar como demográficos, sociais, culturais entre outros, como a insuficiência e/ou inadequação de mecanismos capazes de mobilizar jovens e adultos para o ingresso em escolas. Nesse sentido, Afonso, Vieira-Silva e Abade (2009), explicam que,

O ensino bem sucedido promove a operatividade entre teoria e prática, problematizando o que foi aprendido no contexto da experiência. Isto não significa que todo e qualquer conteúdo aprendido tenha uma rápida e fácil aplicação. São relações amplas. (AFONSO; VIEIRA-SILVA; ABADE, 2009, p. 712).

No entanto, “independente dos fatores envolvidos, a aprendizagem se passa no Sistema Nervoso Central, no entanto nem sempre ele é o responsável real pelo fracasso escolar” (PASSOS et al., 2011, p. 63). Mas, o que é aprendizagem?

Conceituando aprendizagem, Barca Lozano e Porto Rioboo (1998) dizem que a aprendizagem constitui de três aspectos importantes: o primeiro refere-se à aprendizagem como um processo ativo, uma vez que os educandos, precisam realizar diversas atividades sobre os conteúdos ministrados, para que possam assimilá-los; o segundo diz respeito a aprendizagem como “um processo construtivo, as atividades que os alunos realizam têm como finalidade a construção do conhecimento; o terceiro a aprendizagem como um processo significativo, estruturas cognitivas organizadas” (BARCA LOZANO; PORTO RIOBOO, 1998, p. 19). Ainda sobre a diferença de aprendizagem entre crianças e adultos, segundo Vigotsky (2001), à luz das teorias de Thorndike, teórico behaviorista, com grande contribuição na educação e na psicologia; James V. Wertsch, que baseou suas teorias na concepção sociocultural, diz que o que existe é um mecanismo que “caracteriza a formação de hábitos tanto no adulto como na criança. No primeiro, o processo ocorre mais veloz e facilmente do que na segundo, e resida aí toda a diferença” (VIGOTSKY, 2001, p. 109). Mas, e os adultos com dificuldades de aprendizagem?

Para responder tal questionamento, torna-se necessário entender, num primeiro momento, o processo sócio-histórico de cada um, ou seja, de maneira individualizada e a função da escola quanto ao ato de ler, escrever e entender. Em outras palavras, é preciso assimilar o processo ensino-aprendizagem direcionado aos adultos, em particular aos que frequentam a EJA. No entanto, segundo Baquero (2001), pode-se atribuir ao fracasso escolar de jovens e adultos que frequentam a EJA, “aos próprios alunos, enquanto coisa herdada”, o que fica ainda mais evidenciado, na expressão, no verbete “analfabeto”, popularmente dito como, analfabeto de pai e mãe (BAQUERO, 2001, p. 37, grifo do autor). Por outro lado, muitos que abandonaram a escola por não conseguirem acompanhar o processo de aprendizagem do ler e escrever, quando crianças, abandonou a escola pelos repetidos fracassos escolar. Buscam então, já com idade mais avançada, fora da faixa etária normal de escolaridade, para sair da escuridão da ignorância. Esses alunos, em sua maioria buscam na verdade o ser cidadão,

perdido ou deixado na infância. Os alunos da EJA, geralmente são trabalhadores, mais velhos que pararam de estudar na juventude e estão fora da escola, por desejo ou necessidade buscam na EJA novos caminhos para suas vidas. Quando chegam, se sentem retraídos, envergonhados, tímidos e intimidados por uma nova realidade, um ambiente estranho ao seu cotidiano. O sentimento que mais percebemos é o medo e a ansiedade. Muitos dizem que vão tentar, mas acham que não vão aprender, somente com o passar do tempo começam a se adaptar. No entanto, a ansiedade está sempre presente. **Ansiedade: habilidades não desenvolvidas na educação** Levando em consideração a realidade dos educandos, o educador poderá motivá-los a aprendizagem necessária. No entanto, é preciso que o educador desperte neles entusiasmo, interesse para um campo mais abrangente de conhecimento. A ansiedade pode estar presente em diversas situações do dia-a-dia, em diferentes indivíduos, como por exemplo, na escola, no trabalho, e, no ambiente escolar pode influenciar negativamente no processo de aprendizagem. Segundo Rosa et al. (2000, s. p.), os transtornos de ansiedade são "os quadros psiquiátricos mais comuns tanto em crianças quanto em adultos, com uma prevalência estimada durante o período de vida de 9% e 15%, respectivamente". No caso do público da EJA, geralmente quer a imediata aplicação dos conteúdos, ou seja, daquilo que estão aprendendo (ou irão aprender) e, para tanto, precisa ser estimulado para que sua autoestima seja resgatada, pois o "não-saber" e a ignorância podem levar a ansiedade, angústia, como também, o sentimento de inferioridade, o que é algo muito comum entre eles. No entanto, ressalta Perrenoud (1999, p. 82), que, "esses jovens e adultos são tão capazes como uma criança, exigindo somente mais técnica e metodologia eficientes para esse tipo de modalidade". Para melhor compreensão deste estudo, necessário se faz conceituar "ansiedade". Para Esteve (1999, p. 151) o conceito de ansiedade é uma reação emocional complexa, com pelo menos três componentes: fisiológico, subjetivo-cognitivo e comportamental-motor. A ansiedade surge como uma caução de alerta que avisa o ser humano sobre um perigo eminente, para que possa fazer suas defesas e/ou procurar alguma ajuda profissional. No entanto, mesmo que os fatores que determinam a ansiedade se modifiquem no decorrer da vida das pessoas, um indivíduo que se apresenta como neurótico pode se comportar como se as situações anteriores de perigo ainda existissem, se agarrando a todos os

antigos fatores determinantes de ansiedade. A ansiedade, é considerada como um estado do organismo no qual as respostas fisiológicas e motoras aparecem alimentadas por uma distorção cognitiva, implica um desajuste, uma má adaptação à realidade que, em um prazo mais ou menos longo, será nociva e prejudicial para o organismo (ESTEVE, 1999). Segundo Codo (1999), as sociedades estabelecem suas bases em função do trabalho, dessa forma o trabalho pode ser definido como uma atividade que transforma a realidade, visto que as pessoas organizam suas vidas em função dele, tornando-se primordial na construção da identidade do sujeito. O trabalho de cada um contribui para que o sujeito sinta-se satisfeito ou insatisfeito consigo mesmo, ou seja, uma pessoa realizada profissionalmente ou não. Além do poder de satisfação, o trabalho também é importante por dar subsídios necessários à sobrevivência do sujeito. Tudo isso pode gerar no sujeito comum um elevado grau de ansiedade, desestimulando-o a aprender, a buscar novos conhecimentos, pois a necessidade de trabalhar, às vezes é muito maior do que o "aprender." De outra maneira, podemos dizer que, a escola fica relegada a um segundo ou terceiro plano. O primeiro é a sobrevivência. Os educandos da EJA, diante de situações novas, ambiente novo, pessoas que não fazem parte de seu cotidiano, professores antes nunca vistos, pode causar impacto imediato e, com isso, ficarem com medo e/ou ansiosos diante dessa nova realidade. Tudo isso os impede de aprender e desenvolver novas habilidades. Na medida em que sinais de ansiedade são percebidos, e o comportamento não integrativo é demonstrado, a ansiedade pode atrapalhar "o desenvolvimento construtivo do indivíduo, pois quando alguém se encontra em um estado defensivo não está aberto para a aprendizagem, nem tampouco para a consideração de pontos de vista alheios" (LOSS, 2004, p. 565). Outras definições de ansiedade podem ser citadas, como a de Beck et al. (2005, p. 8), apud Malaquias (2012, p. 5), que diz que ansiedade é uma "condição de agitação e angústia." E, "a ansiedade, por sua vez, é desencadeada pelo medo, seja ele real ou imaginário, e é definida como estado emocional tenso, frequentemente marcado por sintomas físicos como tremor, tensão, suor e palpitação" (MALAQUIAS, 2012, p. 5). **Análise** Apresentando os resultados da pesquisa e a discussão respectivamente. Para análise da entrevista semiestruturada foi utilizada a análise de conteúdo e, observação participante. Para identificarmos o nível de ansiedade, foi usada a "Escala de

Ansiedade e Depressão (HAD)”, de Zigmond e Snaith (1983), em uma amostra classificada como “não clínica”, uma aluna da EJA, de uma unidade escolar pública, da cidade de Itaperuna, pertencente ao estado do Rio de Janeiro, L. R., 69 anos de idade. A análise documental foi realizada por meio de documentação da aluna disponibilizada pela direção geral da escola. A situação da aluna investigada no que diz respeito ao seu desempenho escolar de acordo com relatos da aluna, sujeito da pesquisa, “quando tinha necessidade de ler e/ou escrever, pedia ajuda”, [...] “em todas as situações que exigia leitura.” Se sentia muito mal, diminuía, humilhada. “Não ia à rua porque não sabia ler.” “Não podemos pensar que o problema do fracasso e ou do analfabetismo existam por si só, independentemente das relações econômicas e sociais, do outro que aponta para aquele que não sabe ler e escrever chamando-o de ‘analfabeto’”. O discurso científico, sustentado por teorias psicológicas e/ou pedagógicas, ajuda a construir uma posição-sujeito, a do fracassado. Assim, muitas vezes, os propostos por teorias e práticas reforçam que o fracasso é do indivíduo, colocando aluno como a causa de seu fracasso (BAQUERO, 2001, p. 15). A aluna resolveu retomar os estudos e procurou a direção da escola por sentir “muita necessidade em aprender, depois que ficou viúva.” E, essa iniciativa foi “por vontade própria. Procurei uma escola perto da minha casa, mas não consegui”, não tinha a EJA. “Aí eu vim para esta escola.”

Conclusões

Durante a pesquisa, observamos e concluímos que os profissionais que atuam na EJA também enfrentam dificuldades para atender esse público. Vários fatores podem ser enumerados, como por exemplo, a grande diversidade existente entre os alunos. Geralmente são pessoas que não frequentaram a escola para o ensino regular em idade adequada, ou porque tinham que trabalhar, por falta de condições, porque a escola não era atrativa, porque se consideravam inferiores diante dos alunos ou porque a escola ficava longe e/ou os horários de aulas não era compatível. Concluímos, no entanto, a maioria relata que tiveram que abandonar a escola porque tinham que trabalhar. Não diferente é o relato de L. R., participante da pesquisa. Segundo ela, desde muito cedo teve que trabalhar como babá. Depois que ficou viúva resolveu voltar à escola para “aprender a ler e escrever”, porque gostaria de entender o que lê. Os resultados evidenciaram certo grau de ansiedade, 13 (treze) pontos somados, lembrando que a aluna foi classificada como “não clínica”, que pela escala

utilizada a aluna apresenta um moderado nível de ansiedade. Vários estudos demonstram que a ansiedade está associada a outras variáveis, como medo, angústia e depressão, sendo que estas não foram objeto de estudo, embora a aluna tenha demonstrado alguns desses sentimentos. **Recomendações** A pesquisa teve como base a limitação de ter apenas um sujeito no estudo, mais um grande avanço para a abrangência do tema. O objeto de estudo foi composto de apenas uma pessoa a aluna L.R., 69 anos de idade, sendo que a possibilidade de desdobrar a pesquisa para mais indivíduos possibilitaria outros resultados, que acontecera com a continuidade desta pesquisa. Apesar de a aluna ter sido analisada por meio de um instrumento validado (Escala HAD), reconhecido internacionalmente, ressaltamos que os resultados devem ser apreciados com certa cautela, pois a mesma, repetimos, foi classificada para esta análise como 'não clínica', como demonstrado em diferentes estudos nacionais. Diante do exposto, acreditamos que não só a aluna L.R., 69 anos de idade que depois de ter enfrentado tantas dificuldades na vida, como outros alunos da EJA, tem que serem vistos como cidadãos de direitos que tentam retomar ou conquistar seu lugar na sociedade. Pela magnitude dos desafios que é trabalhar com esse público, estudos mais detalhados e mais aprofundados merecem ser desenvolvidos.

REFERÊNCIAS AFONSO, M. L. M.; VIEIRA-SILVA, M.; ABADE, F. L. O processo grupal e a educação de jovens e adultos. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 14, n. 4, p. 707-715, out./dec. 2009.

Disponível em:

<http://>

[www.](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-arttext)

[scielo.br](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-arttext)

[/scielo.php](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-arttext)

[?](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-arttext)

[pid=S1413_arttext.](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-arttext)

Acesso em: 20 fev. 2015. BAQUERO, F. G. **O fracasso escolar de jovens e adultos e o imaginário social**. Dissertação (Mestrado)- Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2001.

Disponível em:

[<http://](http://)

www.

ucb.br

/sites/TeseseDissertacoes.pdf

.>.

Acesso em: 9 jun. 2015. BARCA LOZANO, A.; PORTO RIOBOO, A. Dificultades de aprendizaje: categorias y clasificación, factores, evaluación y proceso de intervención psicopedagógica. In: SANTIUSTE BERMEJO, V.; BELTRÁN LLERA, J. A. **Dificultades de aprendizaje**. Madrid: Editorial Síntesis, 1998. BECK, A; EMERY, G; GREENBERG, R. Anxiety Disorders and Phobias: A cognitive perspective. 20 ed. In: MALAQUIAS, A. S. **Ansiedade de alunos de secretariado executivo na produção oral em língua inglesa**. [Monografia]. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2012. USA: Basic Books, 2005.

Disponível em:

<http://

www.

novoscursos.ufv.br

/pdf.>.

Acesso em: 19 ago. 2015. BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988. CORTI, A. P.; SOUZA, R. Ação educativa. In: CORTI, A. P.; SOUZA, R. **Diálogos com o mundo juvenil**: subsídios para educadores. São Paulo: Ação Educativa, 2004. DI PIERRO, M. C. (Coord.) A alfabetização de jovens e adultos na legislação e na política educacional brasileiras. In: DI PIERRO, M. C. **Alfabetização de jovens e adultos**. Lições e Prática. Brasília: UNESCO, 2008. ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente**. Bauru: EDUSC, 1999. FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. FREITAS, M. V. **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Educativa, 2008. GARCIA, J. N. **Manual de dificuldades de aprendizagem**. Linguagem, leitura, escrita e matemática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. NASCIMENTO, Martha de Cassia. **Práticas administrativas e pedagógicas desenvolvidas na implementação do PROEJA na EFAJIT**: discurso e realidade. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade de Brasília, 2009. PASSOS, A. Q.; CAZELLAA A. V.; ARAMANA, E. M. O.; DEL GROSSIA, E. S. Dificuldade de Aprendizagem em Matemática: Discalculia. **UNOPAR Científica, Ciências Humanas e Educação**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 61-71, jun. 2011.

Disponível em:

<www.

pgss.com

.br

/revistacientifica/index.php

/humanas/article.>.

Acesso em: 5 abr. 2015. PERRENOUD, P. **Pedagogia diferenciada**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. ROSA, Marine Raquel Diniz da; ALMEIDA, Anna Alice Figueirêdo de; PIMENTA, Flávia; SILVA, Caroline Gonçalves; LIMA, Maria Aline Ribeiro; DINIZ, Margareth de Fátima Formiga Melo. Zumbido e ansiedade: uma revisão da literatura. **Rev. CEFAC.**, São Paulo, v. 14, n. 4, jul./aug. 2012.

Disponível em:

<http://>

dx.doi.org/10.1590/S1516-18462012005000009.

Acesso em: 20 jan. 2015. SILVA, J. M. N.; CORREA, V. A.; GOMES, C. S. S.; MELO, D. I. R. Relações entre ensino e aprendizagem na EJA. **Revista Holos**, v. 25, n. 4, 2009.

Disponível em:

<http://>

www2.ifrn.edu.br

/ojs/index.php

/HOLOS/article.pdf

.

Acesso em: 22 jun. 2015. SOARES, Magda Becker. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. SOARES, Magda Becker. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. ZIGMOND, A. S.; SNAITH R. P. The hospital anxiety and depression scale. **Acta Psychiat. Scand.**, n. 67, p. 361-70, 1983.

* SOUZA, Clecia Cristina da Silva. Mestre Ciências da Educação pela Universidad Americana – Assunção, Paraguai. Especialista em Educação Especial pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO; em Educação Matemática pela Fundação São José - Itaperuna- RJ; em

Linguagem pelo CEFAC RJ; em Psicopedagogia pela Faculdade REDENTOR-RJ. Professora na Graduação e Pós - Graduação em Psicopedagogia da Faculdade Redentor. E-mail: clecia_fono@yahoo.com

.br

** BORGES, Cila VS. cila@letras.ufrj.br

. Mestranda em Biblioteconomia pela UNIRIO. Especialista em Gestão da Universidade Pública Federal pela UFRJ. Bibliotecária da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *** MENDES, Alice Alt Bittencourt Nascif. Mestre em Ciências da Educação pela Universidad Americana – Assunção, Paraguai. Especialista em docência do Ensino Superior; Direito Penal; Processo Penal. E-mail: alicealt@ig.com

.br

.

Recebido em: 15/06/2016

Aprovado em: 20/06/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: